

**Religiosidade e patrimônio histórico cultural em Iati/PE e na Pedra do Navio em Paranatama/PE – um estudo comparativo no campo do imaginário social.**

**José Roberto de Melo Ferreira<sup>1</sup>  
UPE\Faceteg.**

A presente pesquisa discorre sobre a relação estabelecida pelos moradores de duas comunidades distintas, e respectivas relações com figuras rupestres que estão ao seu entorno.

Uma comunidade é conhecida por Boi Branco, se trata de um assentamento agrário feito pelo INCRA, e que em sua terra há a presença de um sítio arqueológico (Cujo nome também é Boi Branco) que tem centenas de figuras rupestres, classificadas como itaquatiaras e signogravuras que datam de mais de seis mil anos (Martin; 1996)

A relação dos moradores com as respectivas figuras é de caráter místico e religioso. No decorrer da pesquisa foi verificada a recorrência de uma intensa religiosidade na mesma comunidade. O próprio fato de estarem em tais terras hoje, segundo explicações dos nativos, se deve a motivos de crença religiosa; a terra nesse sentido é tratada por elas como elemento sagrado. E as figuras são ressignificadas mediante o aspecto sagrado, isso porque os moradores afirmam que uma das itaquatiaras é a imagem de Nossa Senhora e outra é o Pé de Jesus Cristo.

A outra comunidade estudada é a Pedra do Navio, na qual há também a presença de figuras rupestres, as mesmas datam e se classificam como as da comunidade anterior, no entanto há narrativas recorrentes no entorno da mesma que o lugar se trata de um lugar profano, uma vez que os moradores dizem aparecer no local maus-assombros, e dizem ainda que no lugar houvesse a presença de botijas, e isso remete a assombrações. Ao longo da pesquisa foi verificado que há uma grande depredação da referida Pedra, e conseqüentemente as referidas figuras.

---

<sup>1</sup> José Roberto de Melo Ferreira, relatório de pesquisa de IC, 2010, sob orientação dos professores doutores Jairo Nogueira Luna e Adjair Alves, da UPE-faceteg.

A idéia de método, na modernidade, supõe a idéia de verificabilidade. Gadamer (Apud, OLIVEIRA, 2000: 82), afirma que ser *metódico* “é poder percorrer de novo o caminho andado, e tal é o modo de proceder da ciência”. O método mensura o que por ele pode ser mensurado. Para Cardoso de Oliveira (Idem) a idéia de “mensuração” pode ser substituída pela idéia de “descrição, avaliação ou explicação”, o que possibilita a aplicação de critérios qualitativos à pesquisa, sobretudo, quando do método escapar realidades tangíveis por uma modalidade de conhecimento que não seja metódica.

Estabelecer, portanto, uma estratégia metodológica, necessário se faz distinguir que conhecimento se pretende construir com a pesquisa. E o que se deseja é a orientação de um trabalho de análise dos processos sociais no campo da religiosidade popular na comunidade do Boi Branco em Iati, bem como na Pedra do Navio em Paranatama, pelos quais os atores sociais, estruturam a consciência do seu mundo cultural e como esta consciência interagem com a realidade social, para se poder perceber daí, a prática social decorrente das construções simbólicas no campo da religiosidade. Análise a ser realizada mediante o estudo dos significados atribuídos pelos atores sociais ao patrimônio cultural, aqui identificados pelas itaquatiaras e signografias. Os atores sociais aqui são sujeitos culturalmente constituídos, selecionados entre os moradores das localidades referidas.

A pesquisa compreenderá uma troca verbal, uma situação de diálogo onde será preciso conhecer a linguagem dos interlocutores a serem pesquisados (LABURTHE-TOIRA e WARNIER. 1997: 430). A metodologia deve, portanto, possibilitar um “encontro etnográfico” onde pesquisador e pesquisados possam fundir seus horizontes evitando que haja um exercício de poder sobre os informantes, determinando o desfecho da pesquisa. Como assinala Oliveira (Op. Cit. p 24): “Criar um espaço, onde o pesquisador tenha a habilidade de ouvir o nativo e por ele ser igualmente ouvido, encetando formalmente um diálogo entre ‘iguais’ sem receio de estar, assim, contaminando o discurso do nativo com elementos de seu próprio discurso”.

Esta perspectiva metodológica implica, portanto, uma observação participante, não redutível a uma reflexão a *posteriori* sobre os resultados da investigação, mas propõe analisar os procedimentos de validação e sugerir critérios de demarcação. Deve, ainda, ajudar a investigar o próprio processo da pesquisa, pois ela promove a fecundidade da mesma. Desse modo, seus princípios não derivam de fora da prática metodológica, sendo ela própria concebida em sentido amplo como reflexão sobre as dimensões concretas da pesquisa.

A pesquisa, aqui, não pode reduzir-se a uma seqüência de operações, de procedimentos necessários e imutáveis, de protocolos codificados. Como assinala Bruyne (1977: 30), tal concepção, converte a metodologia numa tecnologia, apoiada sobre a visão rigorista e “burocrata” do **design**. Ao contrário, afastado dessa visão de design, a complexidade da problemática que buscamos abordar exige um procedimento dinâmico de interpretações e voltas constantes entre os pólos teóricos, epistemológicos, morfológicos e técnicos da pesquisa.

O trabalho de pesquisa está configurado, para citar Roberto Cardoso de Oliveira, na tríplice dimensão: do olhar, ouvir e escrever.<sup>2</sup> E aqui se insere a importância da “observação participante” e da “relativização”, visto que os elementos culturais estruturadores da formação da consciência cultural a serem identificados pela pesquisa, carecem de interpretação, instrumento pelo qual se chegará à compreensão de sua importância formativa na compreensão da realidade social.

Tanto DaMatta, quanto Cardoso de Oliveira consideram a “relativização” como uma atitude que possibilita ao pesquisador escapar da ameaça do etnocentrismo permitindo, o confronto intelectual entre pesquisador e pesquisados. Por sua vez, a “observação participante”, fixa o olhar e ouvir como traços peculiares à pesquisa, por meio dos quais o pesquisador busca compreender e interpretar, a sociedade e a cultura do outro em sua verdadeira interioridade, permite, ainda, ao pesquisador no ato de escrever, estar atento à

---

<sup>2</sup> Segundo Cardoso de Oliveira, Op. Cit. p. 32. Estes três atos estão sintonizados na etnografia.

representação que o outro faz de seu objeto de pesquisa possibilitando ao relatório de pesquisa, uma dimensão polifônica.

Na relação que estabelece com os objetos culturais, o homem cria significados que servirão como elementos explicativos de sua ação, elementos pelos quais ele constrói sua realidade. Faz-se necessário, deste modo, um estudo dos processos de interpretação que os sujeitos educadores-educandos, utilizam na relação pedagógica, pois é aí que reside a compreensão já realizada nas atividades mais corriqueiras da vida ordinária. Como assinala Coulon (1995: 11,2): *“O mundo social é o mundo da vida cotidiana, vivida por pessoas que não têm interesse teórico, a priori, pela constituição do mundo. É um mundo, no entanto, intersubjetivo, onde as experiências privadas podem ser transcendidas em um mundo comum, mediante a troca de ponto de vista, bem como, a conformidade do sistema de pertinência das partes, isto é: as pessoas acreditam em objetivos comuns”*.

No processo da pesquisa tomarei em consideração a concepção que os atores sociais fazem para si do seu próprio mundo, pois isto constitui, em última análise, o objeto essencial da pesquisa social.

Os atores de um fato social, por ocasião de suas interações, definem sempre as instituições em que vivem.

Pretende-se, portanto, compreender como é que os indivíduos vêem, descrevem e propõem em conjunto a definição da realidade social. Do ponto de vista gramsciano (GRAMSCI, 1986: 11), não existe seres humanos brutos, como uma pedra, que necessite ser talhado para se tornar alguém com condição de compreender sua realidade e de agir sobre ela. Todo ser humano tem uma concepção imediata do mundo, espontânea que, consciente ou não, é a base de toda a ação.

Isto nos interessa aqui, pois no estudo do imaginário, é importante não apenas saber o valor atribuído pelos atores sociais às suas criações, mas o processo mesmo de constituição dessas situações culturais. O fato social não é um objeto estável, mas o produto da contínua atividade dos homens, que aplicam seus conhecimentos, processos, regras de comportamento, em suma, uma metodologia leiga cuja análise constitui a verdadeira tarefa da pesquisa que, não

poderá deixar de analisar as crenças e os procedimentos do senso comum como os constituintes necessários de todo comportamento social organizado. Deve buscar, portanto, estar mais perto da realidade corrente da vida social, por considerar as experiências práticas dos atores sociais.

Compreendemos que a realidade social é um “*processo*” através do qual os traços da aparente estabilidade da organização social são continuamente criados. Daí a importância do contato social entre pesquisador e realidade pesquisada para nosso estudo, dado a insistência no papel criativo desempenhado pelos atores na construção de sua vida cotidiana, mas também, pela sua atenção aos pormenores dessa construção. A interação é uma ordem negociada, temporária, frágil, que deve ser permanentemente reconstruída a fim de interpretar o mundo. Um recurso essencial enquanto procedimento de pesquisa é a entrevista, pois por meio dela se poderá obter comentários ou pontos de vistas das experiências vividas ou adquiridas por observação participante.

O aspecto qualitativo da metodologia a ser tomada como direcionamento desta pesquisa está no fato de não partirmos de qualquer prefixação hipotética sobre os valores a serem pesquisados como verdades prontas, acabadas, mas realizarmos sua compreensão na interação que estabelecermos com a comunidade e a construímos mediante acordos sociais a serem fixados na própria prática da pesquisa. E aqui se destaca a importância de toda simbologia utilizada pelos atores sociais, sujeitos construtores de seu próprio mundo. Pois é na linguagem, como observa Schütz (Apud COULON, Op. Cit. p 11), “*que se esconde todo tesouro de tipos e características pré-constituídas de essência social, que abrigam metodologia que poderão ser incorporados levando-se em consideração as possíveis sugestões que vierem a serem apresentadas pelo professor (a) orientador (a) da pesquisa.*

### **Resultados parciais obtidos e discussão**

Em relação à comunidade do Boi Branco em Iati-PE, o fenômeno religioso é sem dúvidas recorrente e constante. E essa religiosidade é fator decisivo na forma como os moradores se relacionam com as figuras rupestres. No decorrer da

pesquisa convínhamos mudar a forma como tratamos as figuras estudadas, passando a tratá-las como figuras rupestres e não como patrimônio Histórico-Cultural, isso porque o IFHAN (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) ainda esta em processo de regulamentação e reconhecimento de tais figuras como patrimônio Histórico, coisa que não ocorreu no decorrer da pesquisa, segundo informação de uma funcionaria do Órgão.

A população da comunidade permaneceu relativamente estável, em números de famílias (50) que moram na comunidade. Percebe uma movimentação por parte de alguns rapazes que voltaram de São Paulo, mas normalmente vão também pessoas para lá. Conversando com um informante da pesquisa que havia chegado de São Paulo há pouco tempo perguntei como era as Figuras que ficavam na Pedra Pintada (nome dado ao lugar em que se encontram as Figuras), mesmo ele sabendo que já conhecia me disse que diziam ser sagradas, perguntei se porque eram sagradas, e respondeu que lá tinha uma imagem de Nossa Senhora, e ouviam sons de batuques vindos da direção de lá. Quando perguntado se já tinham ouvido tais batuques, disse que não, mas membros da comunidade sim. Pede para que um dos meninos que brincavam levasse a gente até as figuras, e foram dois juntos com meu orientador, o co-orientador e eu. Ao chegar lá sem que perguntássemos em uma conversa espontânea ele disse aqui é a imagem de Nossa Senhora, fomos ver não dava pra tirar fotos, pois estavam molhadas as rochas, e ficaram imperceptíveis, mas o que constatamos é que não se trata de uma semelhança, como esperávamos, com a imagem da Santa. Mas o menino (de aproximadamente 14 anos e outro de 12) fez questão de mostrar o manto da Santa. E lá estava alguns rabiscos, ou itaquatiaras cravados na rocha, e só quem tem uma fé muito aguçada pode perceber tal fenômeno como o menino descreveu. Perguntei se ainda faziam terços na comunidade um casal de idosos afirmou com veemência que sim, e se dirigiam ainda pra Pedra Pintada, e a resposta também foi afirmativa. Já o menino afirmou que de vez em quando isso ocorria, e já tinha participado há muito tempo. De volta ao pátio da comunidade perguntei se ainda realizavam caminhadas nos terços até as figuras e a resposta foi afirmativa, mas já fazia algum tempo, um senhor disse ano passado, a visita foi

em meados de 2009. Uma das coisas que me chamou atenção e me fez ler o Livro de Ronald Edmund Leach “**Sistemas Políticos da Alta Birmânia**” (1996), onde o autor discute as incongruências da Sociedade da Alta Birmânia, isso depois que percebe que apesar dos moradores dizerem que nas figuras havia a Imagem da Santa, o Pé de Jesus, e por ali era um lugar sagrado, não pude ver de fato as pessoas da comunidade se benzerem diante de tais imagens, e ao andar no pátio da comunidade com alguns nativos percebe que se benziavam diante de uma cruz, que fica no centro do pátio, quando perguntei a um informante porque tal coisa ocorria disse que a cruz é Sagrada, e deveriam respeitar, por isso se benziavam. Os dois meninos chegaram a passar por cima das imagens que tinham nos mostrado, pisando e depois fazendo das rochas escorrego, para brincar, perguntados se gostavam do lugar afirmou que sempre faziam passeios pra lá e piqueniques, isso porque as imagens ficam nas margens de um leito de um Rio (Ermitão), e quando ocorre o período das trovoadas ocorre à formação de uma mini-cachoeira no lugar. Alguns traziam até bebida alcoólica, pois podemos ver restos de garrafas quebradas no ambiente.

Perguntado a líder religiosa se ainda faziam piqueniques e se bebiam no local, afirmou que não, se isso ocorre é sem o conhecimento dela, pois ali é um lugar importante, “muita gente vem estudada ali” disse ainda. Sendo que dessa vez não foi mencionado o aspecto sagrado. Em outra conversa com moradores mais idosos o Sagrado foi invocado varias vezes, e falavam da terra, de uma promessa que haviam feito de quando conquistasse as terras da comunidade iriam fazer uma igreja para adorar Nossa Senhora, e perguntei quem tinha descoberto a imagem de Nossa Senhora no lugar que estavam hoje e me disseram que já ouviam falar que lá havia tal imagem antes mesmo de chegarem lá. Uma das senhoras com quem conversavam disse que embora ainda não tivessem cumprido a promessa estavam perto da Santa, pois ela estava presente nas terras da comunidade. Em relação a incongruência constatada, foi conversa com os mais velhos e disseram haver desinteresse por a religiosidade, e as moças e rapazes quando aprendia ler iam embora. Conversando com alguns jovens da comunidade sobre as figuras diziam que os seus pais e pessoas mais velhas

diziam ser Sagrada, uma das moças disse que aprendeu que quem tinha feito as figuras foram antepassados, índios ou o Homem das cavernas, essa moça na ocasião cursava 7ª série no colégio do estado que fica na cidade de Iati, a 12 KM aproximadamente da comunidade, os alunos vão de ônibus do município até a cidade. Então a incongruência seria fruto de uma desmistificação, na medida em que a percepção do sagrado é tirado e trazido elementos explicativos, mas ainda assim os jovens dizem ser as figuras a imagem de Nossa Senhora e o Pé de Jesus, mesmo a jovem que disse a origem de tais figuras afirma isso, a incongruência maior é o fato como eles reagem diante das figuras e diante de outros elementos sagrados como a cruz, e não é apenas as crianças e jovens, mas até mesmo um senhor que esteve com a gente passou por cima, pisou e depois disse que ali era a imagem da qual tinha se referido ser sagrada.

Mas uma coisa pode se constatar que o estado de conservação das figuras é estável, o ambiente estava limpo e até fizeram uma estrada, que possibilita a chegada até as figuras. O caso da Pedra do Navio continua a ser objeto de preocupação no que diz respeito à maneira como os nativos lidam com o meio ambiente ou com a própria rocha. É comum as pessoas irem lá aos sábados e domingo para beber e se divertirem e acabam levando bebida alcoólica (segundo relatos dos moradores), inclusive no local a resto de garrafa e muito lixo, principalmente garrafas *pet*. Além disso há muitos nomes escritos na rocha e alguns alteram o estado de conservação das figuras rupestres que se encontram no local. Uma vez que há até escritos acima das próprias.

### **Conclusões parciais**

O que podemos concluir da pesquisa é que o aspecto religioso no que diz respeito ao sagrado e profano permeia a relação dos moradores da comunidade do Boi Branco com as figuras rupestre, de tal maneira que os mesmos atribuem caráter sagrado a tais figuras, ao afirmarem que em meio às figuras estão a imagem do Pé de Jesus e de Nossa Senhora.

Na introdução do seu livro *O Sagrado e o Profano*, Mircea Eliade afirma que *a primeira definição que pode dar-se do sagrado, é que ele se opõe ao profano*,

(*Mircea Eliade; p.25*) então ao pensarmos o sagrado estamos nos referindo a uma categoria da religiosidade, que se constrói em contraposição a outra categoria 'o profano'. Esse mesmo autor afirma ainda a respeito do sagrado que ele *manifesta-se sempre como uma realidade de uma ordem inteiramente diferente da das realidades << naturais>>*. (*Mircea Eliade; p.2*). O que podemos entender por isso é que essa noção vem como uma manifestação inconcebível na normalidade, e é outra ordem, que possibilita se situar no plano da normalidade, do dia-dia, enfim esse aspecto da religiosidade exprime o homem a aceitar a realidade, sempre mantendo espaços de rupturas entre o sagrado e o profano, e *o homem toma conhecimento do sagrado porque este se manifesta, se mostra como qualquer coisa diferente do profano*. (*Mircea Eliade; p.25*)

O sagrado também permeia as relações entre os próprios moradores. O interessante é que o fator decisivo para a conservação de tais figuras no entendimento da pesquisa se deve ao fato dos moradores atribuírem caráter sagrado as tais.

Diferente da relação dos moradores do entorno da Pedra do Navio que agem com indiferença em relação às figuras ou ainda depredam as mesmas, o que caracteriza o aspecto profano. Mas ainda é visível o desprestígio dado não apenas as figuras em si, mas a Pedra na qual se encontram as tais. Ocorrem festas constantes e visitas de pessoas que deixam seus nomes escritos na rocha, interferindo na conservação das figuras.

Neste sentido *o sagrado e o profano foram sempre e em toda parte concebidos pelo espírito humano como gêneros separados, que nada tem em comum*. (*Durkheim; 1996: 22*)

E esses dois aspectos da religiosidade servem de base ao homem para classificar os objetos e os seres.

Como salienta o próprio autor *um rochedo, uma árvore, uma Fonte, uma casa, em uma palavra, uma coisa qualquer pode ser sagrada*. (*Durkheim; 1996:20*).

O que ocorre é que a religiosidade é dotada de simbolismo e seu aspecto simbólico e cultural pode ocorrer de diferentes modos. Como afirma Leach (1996: 32) sobre a cultura que pode servir *a roupagem de uma situação social*.

### **Referências bibliográficas**

BRUYNE, Paul de. “Dinâmica da Pesquisa em Ciências Sociais: os pólos da prática metodológica”. trad. Ruth Joffily, Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977. pp. 30.

CARDOSO DE OLIVEIRA, Roberto. **O trabalho do antropólogo**. 2. ed., Brasília: Paralelo 15. São Paulo: UNESP. 2000. 220p.

COULON, Alain. **Etnometodologia**. Petrópolis: Vozes. 1995. 134p.

DaMATTA, Roberto. **Relativizando – uma introdução à antropologia social**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 246p.

DURANT, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**. São Paulo: Martins Fontes. 1997.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares da vida religiosa**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo Martins Fontes. 1996.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano: a essência das religiões**. Lisboa, Pt.: Edições Livros do Brasil. 1992.

GRAMSCI, Antônio. **Concepção Dialética da História**. trad. Carlos Nelson Coutinho. 6. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1986. 341p.

\_\_\_\_\_. **Os Intelectuais e a Organização da Cultura**. trad. Carlos Nelson Coutinho. 7. ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 1989. 244p.

LABURTHE-TOIRA, Philippe. & WARNER, Jean-Pierre. **Etnometodologia – Antropologia**. 2.ed. trad. Anna Hartmann Cavalcanti. Petrópolis: Vozes. 1999. 461p.

LEACH, Edmund Ronald. 1996. **Sistemas políticos da Alta Birmânia**. Tradução de Antônio de Pádua Danesi, Geraldo.

MAUSS, Marcel. 2003. **Sociologia e Antropologia**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naify. 536p.